

Veículo: *Gazeta Mercantil*

Data: 22/06/2007

Autor: Fernando Ribeiro

Fernando Henrique defende ênfase nos acordos bilaterais

*“O País precisa ampliar a rede de parceiros comerciais
e não pode depender apenas do Mercosul”*

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a criticar a política externa do governo federal ao considerar um erro do Itamaraty a decisão de privilegiar exclusivamente as negociações da Rodada Doha, ao invés de assinar acordos bilaterais com outros países. No seminário “Brasil e México: o desafio do crescimento acelerado”, realizado ontem, em São Paulo, no Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), o ex-presidente afirmou que o País precisa ampliar a rede de parceiros comerciais e não pode depender apenas do Mercosul.

“Apostamos num caminho que não frutificou. Agora, é preciso ter um relacionamento comercial mais amplo”, avaliou FHC, numa referência ao impasse da reunião do G4 (Estados Unidos, União Européia, Brasil e Índia) para discutir a Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC). “Não temos acordos bilaterais com quase nenhum país, além do Mercosul”, completou.

O ex-presidente declarou que os acordos e progressos do bloco estão sendo ameaçados pelos próprios membros. Contudo, não especificou como e nem quais países estariam promovendo um eventual retrocesso. Sobre a adesão da Venezuela ao Mercosul, ele disse que essa talvez não fosse a melhor maneira de fortalecer as relações comerciais com Caracas e defendeu a assinatura de um acordo bilateral. Segundo FHC, o Brasil não deve ainda se preocupar em competir com países da América do Sul, como a Argentina. Na sua opinião, os verdadeiros concorrentes são as demais nações emergentes do BRIC, ou seja, Rússia, Índia e China.

Mesmo ao destacar que não tinha muita esperança sobre a conclusão da Rodada, FHC classificou como grave o fracasso das discussões do G4, na cidade alemã de Potsdam.

“Perdemos muito tempo nessas negociações que não avançaram. Isso vai levar o Brasil a rever suas posições. Se queremos mais abertura, temos de oferecer mais do que oferecemos. Se quisermos ser isolados, vamos voltar à questão Sul-Sul”, acrescentou o ex-presidente da República.

Brasil-México

O ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior no governo de Fernando Henrique Cardoso, embaixador Sérgio Amaral, aproveitou o evento no IFHC para defender maior aproximação entre o Brasil e o México. De acordo com ele, os dois países representam, atualmente, dois terços da economia da América Latina e por isso existe a necessidade de expansão das relações comerciais. “Nossas relações são um enigma. Em 2002, assinamos um acordo de preferência entre os dois países, mas não houve continuação”, lembrou. Para justificar a falta de um acordo amplo, Amaral disse que há “profundo desconhecimento por parte dos agentes econômicos” responsáveis por elaborar as propostas.

O ex-embaixador e presidente do Conselho Superior de Comércio Externo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) Rubens Barbosa também concordou com a avaliação de Amaral. Segundo ele, o tratado de livre comércio assinado entre o México e os Estados Unidos (Nafta) serviu para aumentar a desconfiança dos empresários brasileiros e prejudicou a possibilidade de um acordo entre os dois países. Por sua vez, o cônsul mexicano, Salvador Arriola, fez questão de ressaltar as semelhanças sócio-econômicas e explicou que os investimentos entre ambos está crescendo. “Nos últimos dois meses, o Brasil investiu mais no México do que nos cinco anos anteriores. Por outro lado, o México é o que mais investe no Brasil entre os países emergentes, sendo o quinto no geral”, disse Arriola.